

Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais

Vanda Machado

MITOS AFRO-BRASILEIROS E VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS

Quando os últimos raios de sol deixavam a Praça da Matriz em São Filipe, cidade fumajeira do Recôncavo Baiano, as crianças sumiam porta adentro à espera do café com pão que era engolido às pressas, porque estava quase na hora de Eulina começar a contar suas histórias. Eram histórias de reis, rainhas, casas mal-assombradas e bichos falantes. Eulina era uma mulher negra retinta, braços fortes e uma voz forte e doce que prendia a atenção da gente, o tempo que ela quisesse. Ela apareceu na cidade acompanhando um bando de retirantes, fugindo da seca do sertão. Eulina tinha braços tão fortes que agüentava torrar e pillar café todos os dias da semana. Às vezes, ela lavava roupas ou cozinhava para as famílias mais abastadas da cidade. Nunca se soube de verdade de onde ela tinha chegado. Um jeito agradável de falar, um sorriso aberto, mostrando uma alegria retirada do fundo da sua alma negra, encantavam principalmente as crianças. Quando chegava a noitinha, depois de suas múltiplas atividades, chegava a hora do sagrado compromisso de contar histórias para as crianças da vizinhança. Naquela hora ninguém faltava, ninguém chegava atrasado, ninguém dava um pio. Nunca esqueci Eulina e suas histórias, porque eram interessantes e muitas vezes parecidas com a vida que a gente vivia.

Com o tempo, compreendi o quanto é importante escutar e contar o que se escuta, e que a vida, em sua motivação, se traduz no ato de contar acontecimentos. Contamos histórias para encantar, convencer, para ser desculpado, para comunicar fatos, sentimentos, mágoas e alegrias. E quando contamos história, passamos a fazer parte do acontecimento que estamos narrando. Somos partícipes de todas as histórias que contamos. Percebi, também, que o ato de contar histórias implica em compreender a dinâmica da vida que vivemos. Eulina contava as suas histórias que iam se misturando às nossas histórias e fantasiadas, que hoje se constituem em nossas memórias e lembranças de um tempo que nunca passa.

IRÊ AYÓ: MEMÓRIAS ANCESTRAIS E CONVIVÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS

Quando criei o Projeto Político-Pedagógico Irê Ayó, na Escola Eugênia Anna dos Santos, na comunidade do Ilê Axé Opo Afonjá, inspirado no pensamento iorubano, considerei a minha experiência de criança que muito aprendeu sobre a vida ouvindo muitas histórias. Por outro lado, a minha itinerância, enquanto educadora negra, vivendo a cultura do terreiro, trouxe à tona a memória de matriz africana vivida no engenho de açúcar, na Fazenda Copioba, em São Filipe, que se juntou às experiências do Afonjá, onde a matriz africana mantém parte de sua essência pela tradição de contar e vivenciar histórias míticas.

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na *grande história da vida*. No pensamento africano, a fala ganha força, forma e sentido, significado e orientação para a vida. A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e

de ensinar. Assim nasceram os mitos. Contar mitos, em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir para escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade. Os mitos de matriz cultural evidenciam valores de convivência e solidariedade, considerando:

- saber sobre si mesmo (autoconhecimento);
- reconhecimento e manutenção de valores de convivência comunitária;
- reverência aos ancestrais e aos espíritos dos familiares;
- apreço à figura da mãe, venerada quase como uma entidade;
- reverência aos velhos e velhas, como portadores de conhecimentos;
- preservação dos fazeres e saberes, costumes e histórias das comunidades;
- atenção para a educação de crianças e jovens, com os princípios e valores da comunidade;
- manutenção da família, enquanto instituição básica da sociedade.

Como exemplo, vejamos um desses mitos que são vivenciados, inspirados em valores e compartilhados como patrimônios da herança ancestral.

Conta-se que um velho, percebendo que a morte se aproximava, chamou os filhos um por um para apresentá- lhes a herança. Todos reunidos, pediu ao filho mais velho que lhe trouxesse uma vassoura. Um tipo de vassoura utilizada na Nigéria, por exemplo, não tem cabo e é feita com muitas fibras tiradas das folhas de palmeiras e amarradas num feixe bem firme. O velho pai tomou algumas das fibras e distribuiu entre os filhos, pedindo que as quebrassem. Todos fizeram a mesma experiência com facilidade. O velho tomou o feixe de fibras e novamente pediu que os filhos experimentassem quebrar todas as fibras juntas. Todos tentaram e não conseguiram, obviamente. Os filhos colheram os últimos suspiros do ancião que deixou como maior bem o sentido da união que fortalecem as famílias.¹

DOMA: HISTÓRIAS PARA APRENDER A SER

Este é um importante mito conhecido tanto pelo povo banto² como pelos sudaneses³. Mito que caracteriza o povo africano pela compreensão e vivência do seu sentido agregador e solidário. Na África tradicional, o Doma⁴ é considerado o guardião dos segredos da gênese cósmica e das ciências da vida e mestre de si mesmo (BÃ, 1982, p.186). O Doma é o

¹ Mito adaptado por Vanda Machado e Carlos Petrovich, para capacitação de educadores da Secretaria Municipal de Lençóis com a ONG Grão de Luz Griô.

² Povo de origem africana que inclui angolas, congos, cabindas, benquelas, mocambiques entre outros.

³ Denominação arbitrária dada aos povos africanos localizados entre o Saara e Camarões inclui iorubanos, minas e outros.

⁴ O Doma é considerado conhecedor, mestre e criador de conhecimentos.

conhecedor de todas as histórias. Antes de iniciar as histórias, ele evoca os ancestrais com todo respeito, dizendo-lhes o que pretende falar com seus ouvintes. Quando se trata de transmitir conhecimentos para jovens e crianças, ele o faz considerando os conhecimentos mais antigos. O conhecimento considerado é o conhecimento dos ancestrais e está expresso nos mitos criados para uma educação que pode durar toda a vida.

Em algumas regiões da África, o mito da criação do universo e do homem só pode ser ensinado pelo Doma, que ressalta, na sua narração, princípios e valores para o autoconhecimento, socialização de saberes e convivências comunitárias. Na verdade, através dos mitos, todos os saberes e conhecimentos são entregues pela necessidade daquele que aprende. Portanto, trata-se de transmitir conhecimentos desejados, de forma integral e integrada. Na fala de Bâ (1982, p.188), o Doma como conhecedor, não é um “especialista”, ele é um “generalizador”. Ele joga o jogo da natureza que reúne partes que contêm a totalidade das coisas. Um tradicionalista, um Doma africano exercita a sua memória a ponto de obter resultados prodigiosos, possuindo conhecimentos de seu tempo e conhecimentos variados de todos os tempos. Tudo é ensinado, contado em forma de narrativas, em forma de histórias míticas. Ainda é Ba, (1982) que afirma:

Na cultura africana, tudo é “História”. A grande História da vida compreende a História da terra e das Águas (geografia) a História dos vegetais (botânica e farmacopéia), a História dos “Filhos do seio da Terra” (mineralogia e metais,) a História dos astros (astronomia, astrologia), a História das águas, e assim por diante. [...] Por exemplo, o mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas e más de cada planta), mas também “as ciências da terra” (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a ciência das águas, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida, cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática. E quando falamos de ciências “iniciatórias” ou ocultas, termos que podem confundir o leitor racionalista, trata-se sempre, para a África tradicional, de uma ciência eminentemente prática que consiste em saber como entrar em relação apropriada com as forças que sustentam o mundo visível, e que podem ser colocadas a serviço da vida. (BA, 1982, p.195).

MITOS: TRADIÇÃO E VIVÊNCIA PEDAGÓGICA COM SABEDORIA

Os mitos são histórias sobre a sabedoria de vida. O que estamos aprendendo em nossas escolas não é sabedoria de vida. Estamos aprendendo tecnologias, estamos acumulando informações.

Campbell (1986).

No Projeto Ire Ayó, enquanto intervenção curricular, foi experimentado o exercício da transdisciplinaridade, considerando a complexidade, os princípios e valores contidos no pensamento africano. A mitologia africana, recriada como afro-brasileira, é pródiga na possibilidade da compreensão do mundo sempre em construção. Um mundo onde o ser humano continua transitando como parceiro de Deus na criação e manutenção planetária. A

mitologia conta as histórias da vida, incluindo sempre o ser humano. Vejamos o mito da criação do ser humano com a participação de um homem e uma mulher. Nanã e Oxalá, juntos, criaram o ser humano⁵.

A mitologia iorubana nos conta que Olorun criou o mundo, criando todas as águas, todas as terras e todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou uma multiplicidade de plantas e bichos de todas as cores e tamanhos. Um dia, Olorun chamou Oxalá e ordenou que ele criasse o ser humano. Oxalá, sem perda de tempo, deu início ao trabalho que lhe foi ordenado. Fez um homem de ferro, constatou que era rígido demais. Fez outro de madeira, que também ficou muito sem jeito. Tentou de pedra, o homem ficou muito frio. Depois, tentou de água, mas o ser não tomava uma forma definida. Tentou fogo, mas, depois de pronto, a criatura se consumiu no seu próprio fogo. Fez um ser de ar, depois de pronto o homem voltou a ser o que era no princípio, apenas ar. Ele ainda tentou criar também, com azeite e virão de palma. Mas nada aconteceu. Preocupado, sentou-se à margem do rio, observando a água passar. Das profundezas do rio surge Nanã, que indaga sobre a sua preocupação. Oxalá fala da sua responsabilidade naquele momento e das suas tentativas infelizes. Nanã mergulha nas águas profundas e traz lã. Volta e traz mais lã e entrega para Oxalá, para que ele cumprisse a sua missão. Oxalá constrói este outro ser e percebe com alegria que ele é flexível, que ele move os olhos, os braços, a cabeça [...] então, sopra-lhe a vida. A criatura respira e sai cantando pelo mundo: ara aiyê modupé / Oxumilá funfun ojo/ nilê ô. (Esta é uma cantiga de agradecimento composta por Mestre Didi).

Compreender a mitologia africana passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos universais. O pensamento africano, destacadamente a mitologia, serve como reflexão para aproximação ou reconciliação da cultura com a ciência, com a Filosofia, com a Psicologia moderna e com a vida, na elaboração de saberes e fazeres e as práticas educacionais. Como vivência e invenção pedagógica, após o reconto, desenhos com princípio, meio e fim da história mítica e dramatização, o trabalho com argila despertou o interesse dos educandos para aprendizagens significativas sobre o corpo e o comportamento humano, sendo possível comparar elementos contidos na terra e no corpo humano. Para a formação das educadoras na Eugênia Anna, o mito da criação do ser foi pensado na sua existência de religação de corpo, alma, pensamento, sentimento e subjetividades. Uma reflexão como possibilidade, não de modelo exemplar, de todo ser humano nos seus diversos comportamentos, compartilhando a idéia de um jeito de ser-no-mundo pelo autoconhecimento.

O estudo desta importante história segue buscando a aproximação com as ciências. O trabalho aconteceu com a modelagem de órgãos e partes do corpo humano com a argila. Segundo os tradicionalistas africanos, é a mitologia que insere o iniciado⁶ na grande histó-

⁵ Mito adaptado para o vídeo *Reparação*, produzido pela SMEC (1999).

⁶ O termo não tem o mesmo sentido ocidentalizante.

ria da vida. Assim, o africano conta uma história e depois outra. Da mesma forma, há uma história cosmológica, no interior da qual há uma outra história de vida, onde, finalmente, pode ser encontrada a nossa própria história de vida vivente.

OS MITOS COMO CAMINHO DE PAZ E TRANSFORMAÇÃO

A criança compreende melhor a problematização contextualizada. Por que desperdiçar o tempo com exposição sistemática de regras, princípios, com explicações e comentários? O mito estrutura, revela e exhibe algo que é capaz de enfeixar todo um conjunto de valores. O mito é uma história-síntese que, com uma seqüência de imagens condensa várias idéias distintas, eventualmente até contrastantes. O mito apresenta uma intensidade dramática que essas imagens ou seqüência de imagens vêm associar-se a uma forte carga emocional. Com a atenção que é dada a cada ação exemplar, o comportamento que seria o obrigatório transforma-se no desejável. O que, de outra forma, não passaria de uma limitação incômoda passa a fazer sentido como o ideal, um enredo de transformação e criatividade.

POR QUE TRABALHAR O MITO COMO PRÁTICA EDUCATIVA?

Se considerarmos o dicionário, o mito pode ser definido como tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural ou histórico. O dicionário ainda nos diz que o mito é a história de um deus ou de um herói, ou de um acontecimento de origem ancestral. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano. Isto significa que o herói mitológico sempre foi uma necessidade do homem. A escola sempre privilegiou a mitologia grega, romana, mas é silente no que diz respeito à mitologia reinventada no Brasil.

O mito relaciona o indivíduo com a sua própria natureza e com o mundo do qual o indivíduo faz parte. Neste sentido, trabalhamos no Projeto Ire Ayó mitos de transformação que relacionam os seres humanos consigo mesmos, com os outros e com a natureza. Os mitos da "Transformação do Conquen", "Ogum queria ficar rico", ou ainda A Senhora das Águas Doces e da Beleza" acenam basicamente para a possibilidade exemplar da relação indivíduo comunidade. É deste modo que consideramos os mitos "Ossain, o Protetor das Folhas", "Ogum defende um pobre homem", Iansã Criando a Democracia", entre outros, adaptados para o Projeto Ire Ayó. (MACHADO; PETROVICH, 2002).

Considerando deste modo, a tradição cultural vivenciada no terreiro proporciona aos seus participantes um guia indispensável para a organização de suas vidas. Uma comunidade de terreiro, portanto, pode ser entendida como um grupo de indivíduos portadores de reações agregadoras, solidárias, festivas, repetidas sempre como uma novidade. Esta é uma predição, é um requisito para qualquer espécie de vida organizada. Este é um dos valores expressos nos contos míticos. É só despertá-lo nas convivências.

São mitos sagrados, mitos de criação de uma matriz para a vida. Mitos de ritos para a iluminação do corpo e do espírito, mitos de lutas, narrativas genealógicas e de outros temas

iniciáticos. Aliás, todos os mitos são iniciáticos. O mito constitui, também, o paradigma da experiência humana.

Tomamos, por exemplo, os mitos de orixás, da água, do ar, da terra, da vegetação que constituem um eficiente exemplo de transformação e de valorização de um acontecimento cósmico "natural". Daí é que consideramos os mitos com a sua lógica própria, que lhes permite serem verdadeiros, por mais afastados que estejam do plano que originariamente se manifestou.

Pode-se dizer que, paralelamente às experiências culturais–pedagógicas vivenciadas na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, o mito reintegra a criança numa época atemporal. Não há mito que também não seja uma história, visto que conta tudo o que se passou *ab origine*, a exemplo do calendário de festa do candomblé que conduz os orixás para o momento presente.

Contudo vale ressaltar, que não se trata de uma história na acepção do termo. É uma história exemplar pode repetir-se periodicamente ou não, e tem o sentido e o valor na própria repetição. Por outro lado, os mitos são ricos pelo seu conteúdo que, além de exemplar, oferece um sentido lógico, criando situações para a aprendizagem significativa.

O mito da Transformação da Conquén, na sua operacionalização como prática pedagógica, além de anunciar a possibilidade de convivência e organização para a vida comunitária, revela também a possibilidade de vivências pedagógicas, considerando o projeto pedagógico e suas linhas norteadoras: saúde integral, cidadania, linguagem e arte, meio ambiente e origem da formação do povo brasileiro.

Finalmente, o mito ensina o que está por trás da literatura e das artes. O mito ensina a vida. Ter metas, projetos de vida passa pela consciência de estar vivo e atento às possibilidades de transformação, de modo que as experiências de vida possam sair do plano puramente físico e ter ressonância no interior do nosso ser e de nossa realidade mais interna. Vejamos a história:

A Transformação da Conquén

"Era uma vez, no início do mundo, quando todos os bichos falavam. Os bichos, as árvores... as pessoas... todos procuravam se comunicar e se entender do melhor jeito possível. Sendo assim, muita coisa podia ser resolvida com uma boa conversa.

No princípio do mundo, era uma vez uma conquén que vivia ciscando e olhando apenas para o que fazia, sem se envolver com ninguém. Passava o dia todo a reclamar: Tô fraco! Tô fraco! Tô fraco. A sua cor era cinzenta e não tinha graça nenhuma.

Pobre conquén, nada de novo acontecia na sua vida. E cada dia ela estava mais insatisfeita... Ela ficava cada dia mais zangada.

Certo dia, ela mesmo compreendeu que estava demais. Era necessário transformar aquela situação.

A conquén, então, lembrou que ali perto morava um oluw. O oluw era uma pessoa que vivia dando conselhos

a todos que o procuravam. Ela resolveu ir procurá-lo também, para receber orientação sobre o que estava acontecendo em sua vida.

Ela vivia muito nervosa. De longe, ouviam-se seus gritos: Tô fraco! Tô fraco! Tô fraco... O Oluwo a recebeu. Depois de ouvir atentamente as suas queixas, falou pausadamente:

Tudo seu problema é este seu jeito horrível de tratar as pessoas. O meu conselho é que você mude os seus hábitos e suas atitudes imediatamente. Tratar bem as pessoas traz alegria e bem-estar. Preste atenção às pessoas, principalmente àquelas que você encontra pela primeira vez. Vou lhe ensinar umas palavras mágicas. Você vai ver como tudo vai se transformar.

A conqúen estava muito mal mesmo, pensava e gritava: eu quero me transformar. Eu vou mudar. Eu vou mudar. Agradecida, deu um punhado de kauri (búzios) ao Oluwo e partiu.

Já na manhã seguinte, quando despertou, foi olhando para a caçazeira e cumprimentando-a: kaaró. A caçazeira espantada respondeu: kaaró ô !

Mais adiante, ela encontrou dois patinhos que estavam no seu caminho. Ela falou antes de passar entre eles: agô! Eles deram passagem à nova amiga, respondendo como de costume: agô ya.

Um grupo de conqúens passou apressado para o trabalho e ela desejou simpaticamente: Ku ixé! O grupo todo agradeceu em coro: Adupé ô

Na verdade, aquele dia parecia completamente diferente de todos os dias de sua vida. Ela parou um pouco, já no caminho de casa. Era noite, todos a olhavam como se a vissem pela primeira vez. Ela foi logo cumprimentando a turma, com a maior cortesia: Kaalé! Todos responderam: Kaalé. Ô!

Depois de um pouquinho de prosa, na hora da despedida, a conqúen falou com alegria: Abblá! E todos responderam em coro: Abblá ô.

Foi tanta transformação que, no dia seguinte, ela encontrou um velhinho que caminhava bem devagar na sua frente. O velhinho era Oxalá. Acostumada a não dar atenção às pessoas, nem o reconheceu. Mas ela tratou Oxalá com ternura e educação. De tudo que ela trazia consigo entregou para o velho Oxalá. Imagine como Oxalá ficou contente em receber tanta atenção da conqúen.

Foi aí que, para demonstrar seu agrad, ele tirou de sua bolsa um pó mágico e pintou a conqúen todinha com umas bolinhas brancas. E pegou um montinho de barro e colocou no cocoruto da conqúen. Assim, ela ficou marcada para sempre como um bicho da predileção de Oxalá.

A partir daquele dia, todos buscavam a sua companhia e conversavam muito com ela. E sempre se despediam com muita alegria.

E percebeu-se que todas as conqúens do mundo apareceram com um pitoninho na cabeça e as pintinhas brancas dadas por Oxalá.

"PENSE DIFERENTE E AS COISAS COMEÇAM A MUDAR"
(STEVE BIKO)

Quando se opta por um trabalho deste teor, vale considerar também a necessidade de acreditar no potencial das crianças. Acreditar no poder transformador da auto-estima e na confiança de caminhar com projetos de vida. Que se reconheça que a aprendizagem avança por meio de sucessivas organizações do conhecimento. E que esta construção acontece a partir de uma motivação genuína. Uma motivação que propicie a criança derramar-se de corpo e alma no que está construindo, seja em forma de texto, conto, colagem, pintura, dramatização, num processo de lapidação dos sentimentos mais nobres e essenciais.

Partindo desse princípio, a galinha conqúen não é só uma figura do mito. A conqúen é, neste momento, o que organiza valores, normas e atitudes. O que não é possível conseguir com discurso pode-se conseguir com o auxílio deste instrumento milenar – o mito.

Os valores, normas e atitudes recomendados como perspectiva para aprendizagem significativa cabem certinho nos conteúdos gerais propostos para o exercício de convivência e diálogo. Por exemplo:

- interesse por ouvir e manifestar sentimentos, experiências, idéias e opiniões;
- preocupação com a comunicação nos intercâmbios: fazer-se compreender e procurar compreender os outros para o diálogo;
- segurança na defesa de argumentos próprios e flexibilidade para modificá-los, quando for o caso.

O primeiro parágrafo do mito introduz a possibilidade de diálogo ou de uma boa conversa. Uma boa conversa indica a possibilidade de interação grupal, possibilitando outras formas de relação com as pessoas e com a vida.

Nesse contexto, podem ser encontrados modos de convivência, vivências organizadas nas relações escolares e, possivelmente, na comunidade.

Ainda quanto à referência a uma boa conversa no texto, é importante identificar a possibilidade de diálogos produtivos. Uma boa conversa implica na educação de seres transformadores. A progressiva autonomia que se espera no desempenho da comunidade da criança depende de suas possibilidades cognitivas, mas também do seu sentimento e da sua relação com os diversos saberes.

A prática da narração dos mitos e o diálogo criam a possibilidade de as crianças se tornarem ouvintes. E o ato de escutar cria, naturalmente, a possibilidade de uma percepção ampliada. Neste caso, efetiva-se uma das condições que facilitam a possibilidade de ser transformador. A criança que ouve compreende, associa e organiza idéias, aprende a dialogar, selecionando e expressando seus pensamentos e emoções.

É imprescindível atentar para o fato de que toda essa história da fala e da escuta da criança passam por um momento que é decisivo na sua vida. O momento da aceitação da auto-imagem, do gosto por si mesmo, por sua família e por sua comunidade.

A criança, quando tem sua presença qualificada, quando se sente livre para expressar o que pensa sem restrição ao seu grupo cultural, amplia sua leitura de mundo. Modelos exemplares, mitológicos, históricos ou da sua convivência podem ajudar a criança nas suas decisões de ser no mundo. E neste contexto que acontece a possibilidade de a criança ganhar qualificação e respeito à sua diferença. Ganhar visibilidade e ser considerada num outro modo de perceber sentir e compreender. Acreditamos que trabalhar com os mitos, como prática educativa, pode se constituir em uma das possibilidades de se fazer configurar, finalmente, a identidade e a consciência pluricultural na escola, que atingirá seu objetivo de construir cidadãos autônomos e coletivos.

Os mitos de matriz cultural africana favorecem a construção da identidade da criança afrodescendente, permitindo-lhe a condição de ser, pertencer e participar de seu grupo

étnico, reconhecendo os valores da sua comunidade, o que pode lhe servir como exemplo positivo e estímulo para participação na comunidade.

O comportamento solidário encontrado nos mitos, e até nas situações paradoxais, se constituem em bens coletivos, e acreditamos no seu funcionamento como perspectiva de transformar a Educação das Relações Étnico-Raciais para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em uma possibilidade de a criança ganhar qualificação e respeito à sua diferença, conquistando visibilidade, expressando-se e sendo considerada. Acreditamos que é possível fazer configurar, finalmente, a identidade e a consciência pluricultural na escola, que atingirá seu objetivo de construir cidadãos autônomos e coletivos.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Hampate. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org). História da África. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.
- CAMPBELL, Joseph. As máscaras de Deus: mitologia primitiva. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MACHADO, Vanda. *Iê Axé*. Vivências e invenção pedagógica. Crianças do Afonjá. 2. ed. rev. atual. Salvador. EDUFBA; SMEC, 2002.
- MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos R. *Ajaka*: o menino no caminho de rei, Teatro Pedagógico II, Salvador: IOB, 2001.
- _____. *Iê Ifé*, o sonho do iaô Afonjá: mitos afro-brasileiros. Salvador: Edufba, 2002.
- _____. *Prosa de Nagô*. Salvador: Edufba. 2000.
- NÓVOA, Antonio. (Org.). *Vida de professores*. 2. ed. Lisboa: Porto Editora, 2000.

